

Para a ciência não há, pois, tempo a perder. E' muito limitado o prazo para um estudo mais completo do idioma, das instituições e das tradições dessa tribo quase extinta.

NOTAS

- (1) José Deeke, *Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte*. São Leopoldo e Cruz Alta, s.d. Vol. III.
- (2) *Actas del XVII.º Congreso Internacional de Americanistas*. Buenos Aires 1912. Pág. 64. Citado por C. Nimuendajú, *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 1913; vol. 46, nota à pág. 374.
- (3) Simões da Silva, *A tribo Caingang (Índios Bugres-Botocudos)*, Rio de Janeiro, 1930; pág. 26.
- (4) E' considerado dialeto kaingáng. Nem por isso se devem classificar os Xoklêng como simples horda kaingáng. A êste respeito, Curt Nimuendajú, que foi dos maiores conhecedores dos índios do Brasil, escreveu em carta de 3-11-1944, dirigida a R. F. Mansur Guérios: "Eu creio que Schaden teve razão quando separou os Kaingang dos Botocudos. Sem dúvida, a língua dêstes é um mero dialeto do Kaingang-vi, porém êste dialeto é mais diferenciado que qualquer outro, e a cultura das duas tribos apresenta divergências tão notáveis que só pode causar confusão chamar a ambas pelo mesmo nome....." (V. *Boletim Bibliográfico*, Publicação da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, ano II, vol. VI, pág. 68.)

Francisco S. G. Schaden

Material recolhido pelo autor em 1947, na região do baixo Iguaçu.

A ORIGEM DOS HOMENS, O DILÚVIO E OUTROS MITOS KAINGÁNG

Os Kaingáng ou Coroados, que há poucos decênios dominavam ainda nas terras do oeste paulista, também foram outrora senhores temidos das matas e dos campos imensos que se estendem na zona ocidental dos três estados sulinos. Hoje estão bastante civilizados, andam vestidos, dedicam-se à lavoura e vivem numa série de postos organizados pelo Serviço de Proteção aos Índios.

No sertão paranaense, para os lados do Baixo-Iguaçu, onde em julho de 1947 passei alguns dias com índios dessa tribo, obtive interessantes dados mitológicos que em parte coincidem com informes colhidos em outros grupos kaingáng. O meu informante principal era um velho, João Coelho, que em sua língua se chama Xê. Seu avô era o afamado Krim-Tã, um dos principais chefes tribais, cuja memória se perpetua na denominação da "Campina do Cretã", entre o Chopim e o Iguaçu.

Rápida explicação etnológica ajudará a compreender melhor o sentido dos mitos contados pelo velho Xê. Os Kaingáng dividem-se em duas metades exógamas e patrilineares, os Kanherú e os Kamé. Os que pertencem a uma das metades se consideram irmãos ("lenglê") e chamam de cunhados ("iambrê") aos da outra. Aos Kanherú liga-se a subdivisão dos Votôro e aos Kamé a dos Venhiký. Tôda a organização social dos Kaingáng se baseia no dualismo Kanherú-Kamé, que marca também profundamente a vida religiosa e a mitologia da tribo.

Quanto à origem de sua gente, o velho Xê deu-me a seguinte explicação: Os primeiros Kaingáng foram Filtón e o "iambrê" dele. Viveram muito, muito tempo antes da grande chuva que provocou a inundação de todo o mundo. Filtón era o chefe dos Kanherú e o outro o dos Kamé. Vieram do interior da terra. O chão tremeu e houve um estouro. Enxergaram a claridade e saíram de dentro da terra. A princípio eram dois grupos somente, mas ao chegarem à superfície da terra fizeram também a subdivisão em Votôro e Venhiký, por causa das festas que iam realizar.

A oposição entre os Kamé e os Kanherú assume feição de luta aberta no mito do roubo do fogo. O Kanherú Filtón — o "dono do fogo", no dizer de Xê — é vencido pela astúcia de um herói da metade dos Kamé, que assim se torna o Prometeu da tribo. A título de exemplo, reproduzo esta narração entre aspas, isto é, ao pé da letra e sem corrigir a formação das frases, que não deixa de conferir sabor especial à história: "Filtón pegou o cipó e fez fogo com aquilo. O Filtón era Kanherú. Era um outro companheiro que queria roubar fogo dele para espalhar por todo o mundo. Era o mesmo índio (isto é, era da mesma tribo), mas era Kamé. E queimou o campo para espalhar o fogo para tudo o que é nação entre os índios. Para roubar o fogo, o Kamé andou rodeando a fogueira do Filtón. Quando deu o jeito, êle pegou um pedaço de lasca com fogo e saiu correndo. Aí o Filtón foi atrás dele para tomar o fogo. Aí êle entrou numa toca, no chão. Entocou. O Filtón cortou uma vara comprida e cutucou para ver se matava o Kamé. O Kamé ficou num beco do chão e a vara passava ao lado dele. Aí êle fechou a mão, bateu com a mão no nariz e aparou o sangue com a mão e esfregou naquele pau com que o Filtón estava cutucando. Depois o Filtón puxou o pau para fora. Estava cheio de sangue. Pensou que êle tinha matado êle. Aí êle foi embora. Depois o Kamé saiu com o fogo e pegou fôlhas sêcas de butiá, fez um feixe, acendeu e queimou o campo. Aí que os índios se forneceram com fogo. Todos, todos."

Xê contou-me também o mito do dilúvio universal: Muitos índios morreram na grande enchente que houve por êstes sertões. Escapou somente um casal de irmãos, pequenos ainda. Eram do grupo dos Kamé. O casalzinho foi nadando, foi nadando até a uma serra muito alta, que se chama Krim-Takré. Os dois subiram ao alto da serra e agarraram-se às folhas das árvores. Quando baixou a água da enchente, desceram ao chão. Casaram-se então os dois, o irmão com a irmã, e os índios tornaram a aumentar. Fizeram fogo, pois já conheciam o cipó que dá fogo. Depois de aumentar o número dos filhos, o casal, antes de morrer, restabeleceu a divisão em dois grupos: os Kamé, que são mais fortes, e os Kanherú, que são menos fortes. Dividiram-nos para arranjar os casamentos entre êles. Depois de aumentarem mais, os índios restauraram também a divisão em Votôro e Venhiký. Os Votôro têm a fôrça dos Kanherú e os Venhiký a dos Kamé.

Nos mitos relativos à origem das plantas úteis, de que se conhecem numerosas versões sul-americanas, o motivo mais comum é o de que

êsses vegetais nasceram do corpo de uma pessoa (mulher, homem ou criança). Segundo a narração de Xê, foi dêsse modo que os Kaingang receberam o milho, a moranga e a abóbora. Pode-se dizer que o milho constitui a base de sua alimentação.

Eis o mito contado por Xê: Foi com a "rainha da baitaca" que os primeiros índios descobriram o milho cateto, a moranga e a abóbora. Não descobriram o feijão. A "rainha" era um velho. Mandou aos filhos que o matassem e jogassem no canto da roça, do lado em que o sol nasce. Recomendou-lhes que abandonassem o corpo na queimada e prometeu voltar. Os filhos ficaram muito sentidos e não quiseram matar o pai; mas êle lhes garantiu que voltaria. Pediu que fossem ver depois de muito tempo. Decorridos uns cinco ou seis meses, foram à roça. Estava o milho verde, mas êles não sabiam o que era, e também não conheciam a moranga, que estava no meio do milho. Ao pôr do sol ouviram um grito. Vinha do lado em que haviam jogado o velho. Tinham-no jogado aí de qualquer jeito, sem enterrá-lo. Aí os três — eram dois filhos e uma filha — foram ver de onde é que viera aquele grito. Encontraram o velho, conheceram que era o pai e abraçaram-se com êle. Depois levaram-no ao acampamento dêles. E a certa altura perguntaram-lhe o que vinham a ser as plantas que haviam nascido na queimada. Êle então disse ao filho mais velho que aquilo se chamava "nhára" (milho) e que as plantas que haviam nascido no meio se chamavam "pé-hô" (moranga) e "pé-hô kuxõ" (abóbora). Explicou-lhes que o milho era milho cateto. E, mais, que o milho, a moranga e a abóbora se deviam comer assados ao fogo. Depois de explicar tudo, ensinou-lhes também de que jeito deviam assar e cozinhar. O velho viveu ainda três meses com os filhos, depois morreu e não voltou mais.

Egon Schaden

Estado de São Paulo, 1911